



Eixo Temático: 8 - Educação ambiental, sustentabilidade e desenvolvimento social.

BIOSOFIA: BREVE ENSAIO CONCEITUAL SOBRE VIVER COM SABEDORIA

Gabrieli Schäffer¹

Claudionei Vicente Cassol²

Introdução

Ouvimos, seguidamente, comentários com pretensões de fornecer fórmulas salvadoras de que tudo que ocorreu no passado, deve ser deixado de lado. Porém, o mais ético e moral é que devemos revitalizar tudo que for conservado do passado, e quando nos voltamos para a educação, repensar o que é ensinado juntamente com a forma, o método de como é ensinado o que é ensinado. Com tais procedimentos, racionais e afetivos, intelectuais e emocionais, poderemos identificar lacunas existentes na educação prezando o conhecimento que produz um bom viver e um aprendizado que embase boas relações, ou seja, relações, aprendizados e conhecimentos, assistidos pelas regulações morais, valorações éticas e relações humanas.

Parece ser necessário que os/as educandos/as estejam aptos a interpretar o que lhes é ofertado, analisar os conteúdos, métodos, alcances e as consequências das teorias e práticas, com métodos mais confiáveis, críticos, conscientes da impossibilidade de conhecer o todo em uma única vez e, talvez, de não o conhecer jamais. Mas o esforço é próprio do humano, da condição humana que busca sabedoria, que quer organizar, regular e planejar sua existência. Então o conhecimento, o esforço por conhecer e pelo saber é contínuo como a vida, como a existência.

Parece decorrer dessa compreensão, que há uma grande demanda por profissionais capacitados/as para trabalhar com pessoas, ou seja, que saibam se comunicar e compreender com quem estão dialogando, que se comprometam. O cuidado com a alteridade - o outro/a outra - passou a ser uma profissão dos nossos tempos e, distancia-se, cada vez mais, das atitudes cotidianas das pessoas, inclusive das mais próximas, das famílias, dos descendentes

¹Acadêmica do VIII semestre do curso de Pedagogia na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen. Integrante do Grupo Biosofia (Pesquisas e Estudos em Filosofia), URI-FW. E-mail: gabrielischaffer@yahoo.com.br.

²Pós-Doutorando em Educação nas Ciências (Unijuí). Professor na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus de Frederico Westphalen/RS e no CE Dr. Dorvalino Luciano de Souza, Cerro Grande-RS. Coordenador do Grupo Biosofia (Pesquisas e Estudos em Filosofia), URI-FW. E-mail: cassol.cv@gmail.com.



com seus/suas genitores/as. Parece que se instalaram rupturas vitais que fragmentam as relações e compreensões éticas, os compromissos com a vida e com as existências tanto dos semelhantes, quanto da casa comum, o ambiente onde vivemos.

Resultados e discussão

A presente reflexão, de cunho bibliográfico, tematiza o termo Biosofia para hermenêuticamente compreender a importância de refletir acerca dos fatos presentes no cotidiano social com intuito de obter o existir com sabedoria.

O ser humano vive em sociedade desde os primórdios da constituição da humanidade, a vida em grupo, por isso, lhe proporcionava mais segurança, garantia de alimentação e proliferação. Com o passar do tempo percebeu a necessidade de organizar e coordenar as ações do grupo de forma que um contingente maior fosse beneficiado. Para Figueiredo:

Aristóteles, que viveu entre os anos de 384-322 a.C., já afirmava que o homem é um animal político, o que remete à sua natureza social. Um século antes dessa afirmação, Heródoto, historiador grego, e Sófocles, um dos mais importantes escritores da tragédia, também já afirmavam que o homem sem a polis (cidade-Estado na Grécia antiga) teria um destino trágico, pois, embora seja um ser independente, sua existência só teria sentido com a convivência social. (2008, p. 1).

Considerado um ser sócio-político, pode-se compreender o ser humano como impossível no isolamento, pois, “fora do ambiente social, a existência do homem [e da mulher] será sempre uma abstração, pois é dele [do ambiente social] que ele [o ser humano] retira os meios de aprimoramento da vida coletiva, quer material, moral ou ético”. (FIGUEIREDO, 2008, p. 1).

Ao nos voltarmos para a Grécia antiga, surgem os conceitos de ética e moral, que norteiam, até hoje, ou, pelo menos, preocupam ou ocupam o modo de ser e conviver em sociedade, entre os humanos. Torna-se de ampla valia compreender que:

A palavra ‘ética’ provém do adjetivo ‘ethike’, termo corrente na língua grega, empregado originariamente para qualificar um determinado tipo de saber. Aristóteles foi o primeiro a definir com precisão conceitual esse saber, ao empregar a expressão ‘ethikepragmatéia’ para designar seja o exercício das excelências humanas ou virtudes morais, seja o exercício da reflexão crítica e metódica (praktikephilosophia) sobre os costumes (ethea)¹. Com o passar do tempo, o adjetivo gradualmente se substantiva e passa a assinalar uma das três partes da filosofia antiga (logike, ethike, physike). (GONTIJO, 2006, p. 128).



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

A partir de Gontijo, percebemos que a ética se reflete no cotidiano das existências, nos momentos em que ocorre a reflexão sobre situações vivenciadas e nas compreensões que impulsionam os indivíduos para agir com sabedoria, para analisar as formas mais qualificadas de agir e reagir, para respeitar e compreender o outro/a outra. Verificamos, dessa forma, com Gontijo que

[...] a palavra ‘ética’ passou a designar, na tradição filosófica, tanto o objeto de estudo de uma disciplina quanto o estudo do objeto. ‘Ética’ significa, portanto, tanto a disciplina que reflete criticamente sobre o saber ético encarnado nos costumes e modos de ser, como esse próprio saber. O mesmo se verifica com a palavra ‘moral’, que servirá para designar tanto o objeto de estudo — a moral— quanto o estudo crítico do objeto — a Filosofia Moral. (2006, p. 129).

Ao pensarmos em moral, “[...] termo de origem latina”, estamos nos referindo ao “sentido substantivo [que] implica em codificação de regras, leis, normas, valores e motivações que governam o agir e a conduta humana”, escreve Manoel Rezende, em Editorial para a Revista Paraense de Medicina, em setembro de 2006. Se analisarmos essas duas situações, identificamos que elas estão sempre juntas e orientam a vida em sociedade, ou seja, são sinônimos. Portanto é a partir dessas construções teóricas e de sentido que se embasam as noções de certo e errado que irão designar-se as ações humanas e as suas consequências.

Ao discutirmos os termos ética e moral, nos referimos às convivências, às socializações de todo e qualquer ser humano que, ao relacionar-se e interagir com seus semelhantes, deve poder compreender e saber como manter uma boa relação baseada no respeito, na equidade e na empatia. O termo empatia nos traz uma reflexão acerca do que é superar a condição egoísta, individualista, pois a:

[...] relação interpessoal é própria dos seres humanos, na medida em que, por via desta relação intersubjetiva, o ser humano apreende a si mesmo e ao outro como pessoas, bem como, graças a ela, é capaz de apreender a camada humanizada do mundo enquanto unidade de objetos com sentidos compartilháveis. (RANIEI; BARREIRA, 2012, p.13).

Ao viver e conviver com outros seres humanos, o indivíduo aprende consideráveis significações a partir de suas experiências e interações e as repassa para os/as outros/as a partir da comunicação que pode ser verbal ou não-verbal.

Para Francisco (2020), em nossos tempos:

Reaparece «a tentação de fazer uma cultura dos muros, de erguer os muros, muros no coração, muros na terra, para impedir este encontro com outras culturas, com outras pessoas. E quem levanta um muro, quem constrói um muro, acabará escravo dentro



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

dos muros que construiu, sem horizontes. Porque lhe falta esta alteridade» (FRANCISCO, 2020, § 27. Aspas no original).

Nesse sentido, também Morin (2015, p. 16-17) caracteriza o ato de viver como uma permanente aventura, em todas as fases e/ou ciclos de desenvolvimento, pois, estamos sujeitos a errar ou nos iludir, mas são situações normais ao cotidiano do ser humano. Nessas situações, nos deparamos com o ensino ofertado em escolas e universidades, nas quais a construção do conhecimento não comunica a possibilidade e permissão para que os indivíduos tenham a possibilidade de desenvolver condições intelectuais, psíquicas e afetivas, de construir potencialidades para enfrentar as situações.

Percebemos a necessidade de que:

[...] nossa educação ofereça instrumentos para viver em sociedade (ler, escrever, calcular), ofereça elementos (infelizmente separados) de uma cultura geral (ciências da natureza, ciências humanas, literatura, artes), destine-se a preparar ou fornecer uma educação profissional [...]. (MORIN, 2015, p. 23).

Parece que Morin indica a necessidade de se compreender que a educação vai muito além dos simples conteúdos, das disciplinas; ela necessita ser humanizada, voltar-se à construção de olhares críticos e reflexivos acerca das realidades com as quais opera. Inclusive, compreender que o erro é inerente ao ser humano, nasce com ele e perpassa toda a sua vida ao seu lado. Contudo, a partir dele deve-se refletir, analisar e perceber as mudanças que devem ser feitas na existência para não voltar a repetir gravidades tanto com prejuízo pessoal quanto coletivo.

Educadores/as, em relações de aprendizado dialógicas, não estão afeitos a ensinar verdades absolutas aos seus/suas educandos/as, precisam se concentrar em mostrar que tudo está sujeito a mudanças, até mesmo os conhecimentos científicos. Com o avanço da ciência isso ocorre muito frequentemente e deve ser considerado nos processos educativos, mostrando que a pesquisa e a busca pelo conhecimento nunca terminam, precisam ser realizadas continuamente. Percebemos isso em Morin (2015, p. 24), quando propõe:

[...] não uma receita, mas os meios de despertar e incitar as mentes a lutarem contra o erro, a ilusão, a parcialidade, principalmente, os meios típicos de nossa época de errância, de dinamismos incontrolados e acelerados, de caráter obscuro do futuro, dos erros e ilusões que na crise atual da humanidade e das sociedades são perigosos e talvez mortais.

É interessante compreender que viver é estar sujeito ao erro. Em todos os momentos e lugares fazemos escolhas e cada uma delas terá consequências. Quando o resultado é



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

negativo, sentimos que erramos, devemos analisar a situação e aprender, de forma que possamos, ao aprender com o erro, buscar algo diferente, novas atitudes, novas possibilidades à luz da ética e da moral. Além disso, vivemos em contato com o/a outro/a, com o coletivo, e nos relacionamos, muitas vezes, por meio da comunicação, verbal ou não-verbal. Vincula-se, desse modo, um compromisso mútuo – aí também está a moral e a ética – exigente de que cada vez mais as pessoas pensem empaticamente, busquem compreender o próximo e as situações que enfrentam. A empatia se torna uma peça chave para a vida em sociedade e deve ser estimulada desde os primórdios da vida.

Buscamos viver bem, muito além do sobreviver, de forma que possamos aproveitar tudo que nos é ofertado, mas esquecemos de parte da existência humana: o compromisso com o outro/a outra. Segundo Morin “[...] uma parcela da população está condenada a sobreviver. A maior parte vive na alternância entre o sobreviver e o viver. (2015, p. 29). Nesta compreensão, viver é assumir, na práxis, os conceitos que seguem a sabedoria da vida, como os de estar bem e bem-estar, caracterizando como uma condição de estar com “[...] uma pessoa amada, em uma comensalidade amigável, próximos de uma bela ação, no meio de uma linda paisagem” (MORIN, 2015, p. 29).

Com essa situação é possível perceber que “a palavra bem-estar foi degradada ao ser identificada com os confortos materiais e com as facilidades técnicas que nossa civilização produz. [...]” (MORIN, 2015, p. 29). Vivemos permanentemente em busca de bens materiais e esquecemos de viver as situações simples do cotidiano e não entendemos que a felicidade que buscamos pode estar nesses momentos simples. O simples, segundo o Professor Cassol (2020), simples são os vínculos mais primordiais, fundamentais das relações complexas, aqueles que sustentam as teias da complexidade. Compreendê-los, estudá-los e conhecê-los é condição para a sabedoria que revela a potencialidade da grandiosidade que a existência, a vida, as relações, situações, ideias e coisas em sua complexidade.

De acordo com Morin (2015, p. 34), a sociedade parece esquecer a solidariedade e priorizar o individualismo, que apesar de ter uma dimensão positiva, acaba ampliando fortemente o seu lado mais sombrio. Sentimos então a necessidade de “[...] escapar da superficialidade, da frivolidade, das intoxicações consumistas, do poder do dinheiro” e assumir, com sabedoria, relações serenas entre corpo, alma e mente. Morin, assim, caracteriza a vida como prosa e poesia – os elementos mais complexamente simples – de onde se pode



denominar prosa como as “exigências práticas, técnicas e materiais, necessárias à existência” e “denominar poesia o que nos coloca em um segundo estado”, e esclarece que em “primeiro a própria poesia, a música, a dança, a alegria e, é claro, o amor”(MORIN, 2015, p.35), mas não podemos separar prosa e poesia porque viver é utilizá-las em harmonia: razão e emoção são os mecanismos que modelam e influenciam diretamente as decisões cotidianas e os sentidos da existência, da vida.

Na situação atual “[...] A necessidade da dúvida aumentou”, porque cresce o número de “informações falsas, rumores, calúnias” que “não são veiculados apenas pelo boca a boca, mas propagados com uma velocidade e uma amplitude extraordinárias pela Internet” (MORIN, 2015, p. 43). Além disso “a incerteza sobre o futuro da humanidade decorre, principalmente, do rumo incontrolado e impensado dos processos técnicos, científicos, econômicos, ligados às cegueiras que nosso tipo de conhecimento parcelar e compartimentalizado produz”, (MORIN, 2015, p. 50), pois “não se elimina a incerteza, negocia-se com ela” (MORIN, 2015, p. 21). E aí está o diálogo, a comunicação, a via da ciência e da educação e, também, da ética e moral.

Considerações finais

O ponto chave parece ser o de viver a vida com sabedoria, saber ponderar as escolhas entre razão e emoção, viver intensamente todas as oportunidades que surgem e enfrentar as consequências dos erros buscando superar a situação com calma, aprendendo algo com tudo aquilo que se enfrenta. Mas a existência não pode desenvolver-se em bolhas, isolada; a vida exige partilha, envolvimento, compromisso e, desse modo, uma educação constante para o diálogo, a solidariedade, o ativar das capacidades reflexivas, críticas e intelectivas e, também, emotivas. Nisso parece consistir a Biosofia enquanto sabedoria para a vida, para a existência: aprendizados a vida toda que envolvam o ser em todas as suas dimensões. Biosofia é integralidade de conhecimento e ação, aprendizado, reflexão e sentimento; cognitividade e emotividade.

Referências

CASSOL, Claudionei Vicente. **Encontro do Grupo Biosofia** .25 de setembro de 2020.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

FIGUEIREDO, Antônio Macena. Ética: origens e distinção da moral. **Saúde, Ética & Justiça**. Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.1-9, junho, 2008.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli tutti**. Disponível no endereço:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em outubro de 2020.

GONTIJO, Eduardo Dias. Os termos “Ética” e “Moral”. **Mental. Barbacena**, v.4, n.7, p.127-135, novembro, 2006.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RANIERI, Leandro Penna, BARREIRA, Cristiano Roque A. A empatia como vivência. **Memorandum**. Belo Horizonte, Ribeirão Preto. V. 23. N.1. P. 12-31 Outubro, 2012.

REZENDE, Manoel Barbosa de. Ética e moral. **Revista Paraense de Medicina**. Belém, v.20, n.3, p. 1-2, julho-setembro, 2006.

Palavras-chave: Biosofia. Sabedoria. Vida. Comunicação. Educação.